

Recebido: 02 / 05 / 2024

Aceito: 16 / 05 / 2024



Revista
Terceiro Incluído

ISSN
2237-079x

Café, leitura e leituras de mundo: leituras profundas, leituras fragmentadas e leituras possíveis

John Carlos Alves Ribeiro¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9299-6831>

Nota

Entre os dias 03 e 05 de abril tive a oportunidade de participar do XI Café com Leitura e VI Seminário de Leitura, Espaço e Sujeito², evento organizado pela Faculdade de Informação e Comunicação - FIC/UFG em parceria com o Grupo de Estudos Dona Alzira - Espaço, Sujeito e Existência, no qual aprendi muito sobre as leituras fragmentadas e conectadas de nossos tempos, sobre a leitura profunda e como os afetos são importantes para desenvolver o hábito de leitura e cultivar bons leitores.

O evento me chamou atenção desde o início. Café com leitura. Eu sou um apaixonado por café. Dessa mistura simples de apenas dois ingredientes diluídos em água fervente sempre extrai prazer. Me lembro de, na infância, ouvir as advertências de minha mãe. - Pra que tomar esse tanto de café, menino. Quem toma café demais fica “rudo”. - Essa fala de minha mãe me fazia ter mais cuidado sobre a quantidade, o que já não ocorre nos dias de hoje.

Ela advertia também quanto aos riscos ao fazer o café. Água fervente, beira de fogão e pouca idade não eram uma mistura muito segura. Eu comecei a fazer meu café apenas aos 10 ou 11 anos. Meu filho mais velho também aprendeu nessa idade, porém com uma vantagem.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, e-mail: john.ribeiro@ifg.edu.br

² Vide: <https://cafecomleitura.fic.ufg.br/>

Um ingrediente a menos. Receita 50% mais simples. Acertou a medida da água e do pó de café, e está pronto. Problema resolvido, ou problemas evitados. Café quentinho, atenção em dias, sorriso no rosto e segue a luta.

Quanto às leituras, minha memória não gosta de retornar tanto no tempo. Eu lia mal e pouco. Talvez a influência de minha mãe no processo de aquisição do hábito de leitura o tenha tornado um pouco menos prazeroso do que eu gostaria, para não dizer um pouco traumático. Minha mãe me tomava a leitura com a pouca paciência que lhe era costumeira. Ao ter que cuidar da casa sozinha, com quatro filhos e pouco dinheiro, enquanto meu pai trabalhava fora (fora mesmo, sempre viajando devido a peculiaridade de sua profissão), a paciência era uma virtude pouco presente. Nisso, meus receios quanto a amarração correta dos códigos na composição das palavras e frases, quase sempre me rendiam uns bons beliscões ou cascudos ou, no mínimo, algumas palavras duras em tom nada amigável. Muitos eufemismos em uma frase em respeito à minha mãezinha, que tenho certeza, tinha a melhor das intenções, mas nenhum trato pedagógico ou conhecimento sobre didático, processo de alfabetização, letramento ou qualquer outro conhecimento oriundo da ciência/educação que lhe pudesse ajudar.

Sobre o café, o equívoco de minha mãe ao se apegar a superstições para controlar a quantidade de café que já consumia na infância, não restaram traumas. Já quanto à sua forma de tentar me ajudar no aprendizado das primeiras letras, pode ter deixado sim, algumas marcas negativas. O gosto pelo café me acompanhou ao longo da vida sem qualquer empecilho. Já o gosto pela leitura demorou um pouco mais para florescer.

Eu lia pouco por falta de interesse e por receio de não ler tão bem quanto meus colegas de turma. Detestava ter que ler em voz alta. Aí sim as palavras mal passavam pela garganta. Com a voz embotada, baixa e aos tropeços, eu lia como quem já sabia que receberia um arroubo de ira ao final da sentença, frase ou parágrafo. Com a Profa. Maria Beatriz Marques eu entendi a importância dos afetos e das referências para a boa formação de leitores, algo bem diferente do que vivi na infância.

Já na adolescência me aproximei da leitura por meio da religião e das histórias em quadrinhos. Não exatamente nessa ordem. Tinha um vizinho rico que tinha muitos quadrinhos. Ele me deixava ler e fui tomando gosto. Já com relação à religião a coisa foi tomando proporções mais sérias. Comecei a estudar a bíblia na catequese, fui me tornando, aos poucos, um curioso pelos conteúdos dos textos bíblicos, e me tornei referência de boa leitura e boa capacidade de interpretação. Quase me convenceram que eu tinha vocação para padre. Estive às portas do seminário. Mas desisti da ideia por desenvolver junto com o hábito da leitura a

capacidade de leitura crítica. Muitas coisas que lia e aprendia na igreja não me ajudavam a explicar o fato de um amigo ter tantos gibis e quadrinhos em uma biblioteca farta, e eu ter tão poucas obras para ler. Não explicava também outras desigualdades sociais claras. Não explicavam também a demagogia e hipocrisia que eu lia ao frequentar as missas e reuniões das campanhas da fraternidade ou do natal em família. Eu via muitas prescrições e poucas atitudes e comportamentos condizentes com o que era prescrito e defendido como a boa moral e os bons costumes.

Os anos se passaram e eu segui apaixonado pelo café, que agora me acompanhava nas leituras que me foram apresentadas pela professora Glaucimeire. Trabalhando língua portuguesa e literatura com o foco no vestibular, palavra e sistema que ela e alguns poucos professores do Colégio Estadual Divino Pai Eterno haviam acabado de me apresentar, isso no segundo ano do ensino médio, comecei a ler um pouco mais. Eram obras obrigatórias para o vestibular do ano: A casa de pensão, de Aluísio de Azevedo; Manuelzão e Miguelin, de Guimarães Rosa; Antologia poética de Carlos Drummond de Andrade; Grandes Sertões Veredas, de Graciliano Ramos; Os sertões, de Euclides da Cunha; Dom Casmurro, de Machado de Assis; O cortiço, de Aluísio de Azevedo; enfim, várias obras consagradas, das quais eu não tinha conhecimento da existência. Mas uma vez eu me lembro da fala da Profa. Maria Beatriz Marques, sobre como a leitura precisa ser convertida em hábito, sobre a importância do prazer da leitura nesse processo e sobre como ler por obrigação não ajuda.

Todavia, com uma destreza particular, a Profa. Glaucimeire, aos poucos conseguiu me converter em um leitor interessado. Li na íntegra poucos desses livros nesse momento, pois já trabalhava e dividia o tempo que sobrava com o futebol (outro capítulo interessante a ser abordado em outro momento) e com as leituras e trabalhos obrigatórios dessa etapa de formação acadêmica. Mas os que li, gostei, fiquei curioso e comecei a procurar na biblioteca da escola mais leituras que me interessassem. Acho que esse foi o ponto de virada.

O Professor Eguimar Chaveiro³ falou sobre a importância das experiências de leitura para a constituição da leitura profunda. Ele destacou, assim como o Prof. Ricardo Assis⁴, como a vinculação emocional, o afeto, ajuda na formatação do hábito de leitura. Ambos deram exemplos do gênero carta para esclarecer seus pontos de vista. Ao ouvi-los, voltei ao dia anterior

³ Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, vinculado ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais – IESA – Goiânia-Go e Coordenador do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência – Dona Alzira, parceiro do evento.

⁴ Prof. Dr. Ricardo Assis Gonçalves, vinculado ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás-UEG, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás

no bate-papo com Roger Chartier sobre as leituras fragmentadas e sobre os desafios da leitura em nossos tempos.

Hoje, como bem nos disseram tanto o Prof. Chartier, como os Professores Ricardo Assis e Eguimar Chaveiro, vivemos um tempo de leituras apressadas, curtas, fluidas e efêmeras. Porque as vidas são assim nestes tempos. Byung Chul-Han (2022) nos apresenta um dado preocupante - vivemos, nessa sociedade da informação, o regime da informação, que se nos apresenta como o signo real da vida. Tudo nos chega o tempo todo e por vezes podemos nos perder na busca por compreender o que de fato é real ou verdadeiro. Eugênio Bucci (2021) nos chama a atenção para o poder das Big Techs e sua sanha pelo novo petróleo, os dados coletados via internet, usufruindo do processo que nomeia de extrativismo do olhar ou da atenção.

Bucci (2021, p. 39), aborda esse assunto de uma forma tão lúcida que chega a causar espanto. Vivemos, segundo ele, sob o domínio da instância da imagem ao vivo, isso desde os anos 1960, pelo menos. Nesse aspecto, a imagem avança sobre a palavra e o olhar sobre o pensamento. Ou seja, as diferentes formas de leituras apresentadas pela Profa. Lídia Cavalcante têm ocupado o lugar das leituras profundas, atentas, conectadas.

Ouvi no evento coisas boas sobre projetos de leis para implementação de mais bibliotecas escolares, iniciativas que visam tornar o livro algo mais presente na vida de nossos estudantes. Achei tais ideias interessantes e necessárias. Todavia, tive que ler criticamente o texto do artigo terceiro do referido projeto de lei 5656/2019, que define a biblioteca escolar como equipamento cultural obrigatório, prevê seus objetivos, dispõe sobre a sua universalização e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares. Ao definir que, nos termos da lei, “Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que ocorra a universalização das bibliotecas escolares”, eu percebo um enorme risco de ser mais uma lei que não pega, essa peculiaridade da democracia brasileira. Isso porque não há uma definição clara do sejam esses esforços progressivos, podendo ser algo muito irrisório a depender da vontade política de quem o colocará em prática.

Apesar de não ser um legislador, compreendo perfeitamente os desafios para se costurar um texto como esse. Todos os meandros político-partidários que precisam ser percorridos. Todas as barreiras de interesses econômicos que estão por trás de quem participa da formação de cada sentença até se chegar a um texto final, votado, aprovado e sancionado. Porém, sei também dos riscos de um texto tão aberto à aplicação discricionária.

Entretanto, vejo isso como um chamado à luta. Sem engajamento, texto legal nenhum ganha sentido e alcança a vida em sociedade. Assim como entendo ser um chamamento à luta

para o enfrentamento dos muitos mecanismos que tem tornado tão difícil o processo de formação de novos leitores, bem como a conquista da leitura profunda em um mundo dominado pela imagem e pelas leituras fragmentadas. As iniciativas de formação de grupos/clubes de leituras, as ferramentas que dão acesso a novos formatos de texto, como o digital, em seus muitos consoles, podem sim ser colocados na equação. Porém, precisamos considerar alguns pontos.

A leitura sempre foi algo restrito a uma parcela muito pequena da sociedade. Aos filósofos e intelectuais, aos sacerdotes e membros de alto escalão das castas religiosas, aos filhos da nobreza e da coroa ou da burguesia após o surgimento do capitalismo. Cabe a pergunta, ter acesso a alguma leitura é melhor que a nenhuma leitura? Ter acesso às novas formas de leitura, dadas pelo domínio da instância da imagem de Bucci é melhor do que ter o mundo interpretado pelos líderes políticos, religiosos ou pela imprensa oficial? Com os algoritmos algo mudou neste controle do acesso à informação, ou seja, essas novas leituras, fragmentadas e induzidas pela lógica do capitalismo de plataforma geram alguma autonomia ou só mais alienação?

Esses questionamentos estiveram comigo durante todo o evento. Isso e a vontade constante de tomar um bom café a cada vez que eu via os membros da mesa sendo servidos. E que fique registrado o elogio, esse formato de composição da mesa com pessoas que estão em uma conversa regada a xícaras e mais xícaras de café precisa ser adotado em mais atividades acadêmicas.

Outra coisa que me acompanhou ao longo de todo o evento foram as reflexões sobre como se deram minhas experiências de leituras, como me relaciono hoje com o ato de ler e como mobilizar meus alunos e meus filhos para o desenvolvimento do hábito de leitura e a capacidade de leitura profunda, atenta e reflexiva. Com tudo isso em mente, resolvi que teria que escrever sobre o evento, para compartilhar com vocês minhas impressões e agradecer aos organizadores por juntar em um único momento coisas que hoje eu tanto aprecio. O evento Café com leitura é um convite à uma pausa para apreciar o mundo e a vida que nos chega através dos textos. Um convite para desacelerarmos um pouco para aperfeiçoar nossa capacidade de ler o mundo, bem como para incentivar que mais pessoas também o façam. Um convite para que, pausados, possamos apreciar um bom café enquanto alimentamos o intelecto com literatura, arte e afeto. Se o Prof. Ricardo nos incitou algumas vezes: escrevam cartas! Me dou o direito de incitá-los aqui: leiam mais, escrevam mais, preferencialmente na saborosa companhia de uma boa xícara de café.

Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 5.656, de 2019**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/139562>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 446 p.

FIC/IESA. **Café Com Leitura**, 2024. Evento do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), em colaboração com o Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás, fruto de um projeto multidisciplinar que visa estimular discussões profundas acerca das variadas práticas de leitura. Disponível em: <https://cafecomleitura.fic.ufg.br/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, Rj: Vozes, 2022. 107 p.